

Gravação cale\_se\_ep\_04\_a\_voz\_feminina\_on\_vimeo.mp3

Duração do Áudio: 00:25:03

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:01:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	JOYCE
Orador B	NÃO IDENTIFICADO
Orador C	RICARDO CRAVO ALBIM
Orador D:	NÃO IDENTIFICADO

(00:00:00)  
Início da gravação

(música de fundo)

Orador C: Bom, o sentimento do AI5 foi um horror, não é, porque você sentiu a, pressentia que a coisa ia, o bicho ia pegar.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador B: O Presidente da República no uso da atribuição que lhe confere o artigo nono do ato institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968 resolve baixar o seguinte ato complementar: fica decretado recesso do congresso nacional a partir desta data.

Orador A: A partir desse momento o medo foi chegando e, e as coisas foram se encaminhando, as coisas foram ficando esquisitas, amigos foram sendo presos, pessoas foram desaparecendo, é, aí você perguntava: "e cadê fulano?" e ficavam "tsi- tsi tsi-tsi, não pode dizer, não sei, não pode dizer ou não posso dizer", a coisa foi ficando esquisita, não é? E essa coisa ficando esquisita, naturalmente isso foi refletindo no, no dia a dia de todos nós, e a censura começou a pesar, e pesaria pelos próximos quase 20 anos (música de fundo). Eu nunca escrevi nada diretamente falando aos militares, ou aos governos, ou aos políticos, nunca. Eu estava falando ali do meu entorno, do meu ponto e vista, do meu dia a dia de mulher. Isso se incomodou como incomodou em alguns momentos, incomodou por essa questão do comportamento. Da, do pudor, do falso pudor, né. Do moralismo das pessoas, né.

Orador C: Esse disco de Gal Costa, índia, né, que ela, ela aparece só com a peça da calcinha e, né, e os seios de fora, porque ela realmente vestida de índia, e aí a tal mulher lá da censura que era a chefe da censura me chamou uma fera. Como é que você faz isso? Primeiro, não sou eu que estou aí fotografando de seio de fora, é um artista que está cumprindo ali um trabalho todo do disco, não é um, uma foto, é um trabalho do disco que ela caracteriza esse trabalho. Pô não pode, não pode, eu digo, poxa, mas está com o disco pronto. Mas vocês, vocês tinham que mostrar antes, eu digo. Nós mandamos as letras todas. As letras todas passaram, mas não é letra que eu estou falando, estou falando da imagem, e foi uma negociação difícil, digo. Pô, como é que a gente pode fazer, a gente pode cobrir de repente o disco? Mas como cobrir? Vem cá, não tem a revista play boy que tinha, né. Revista play boy é coberta com um plástico, quer dizer, quem comprar leva para casa e abre, aí ela aprovou, aprovou a semana, eu digo, que bom. Aí nós fizemos toda uma coisa pela imprensa tal. Saindo o disco de Gal, mas coberto porque sabe, foi censurado, não sei. Aí o disco vendeu a doidado, isso foi o grande marketing do disco índia, né.  
(música).

Orador C: Era mais negócio dizer que uma música foi censurada porque na verdade criava uma expectat..., tudo que é proibido, né, é aquela velha, velha, comportamento humano, tudo que é proibido é mais desejado, né. Então que, que, que, que se fazia, muito tempo quando uma música era censurada, eles diziam, perai, perai, nós vamos liberar, mas vamos botar no jornal primeiro. Bom, a história do cartomante, foi a seguinte, é, essa música foi composta no Braz, né, num botequim no Braz onde eu frequentava com o Vitor e se chamava "tá tudo nas cartas", o título, né. Aí mandamos entrega, aí Elis, mandamos para a Elis logo quis gravar e tudo, ao mesmo tempo assim, uns, um mês antes o Vitor tinha dado uma entrevista para uma jornalista que eu não vou dizer o nome, falando sobre censura e tudo, depois que acabou a entrevista, é, em off, ele falou algumas coisas para

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

essa jornalista, citando inclusive o nome do chefe da censura federal em Brasília, e essa jornalista publicou a conversa em off, né. E evidentemente o chefe da censura em Brasília no que chegou, "tá tudo nas cartas", mas vetou e não quis nem saber, e aí recado ainda para, nessa época a Elis gravava na Polygran, mandou recado para a Polygram dizendo que do Vítor Martins não passava mais nada. Assim, aí a Elis falou, não, mas eu tenho que gravar, eu tenho que gravar, eu tenho que gravar, não sei quê. Aí o Menescal, mas eu não posso fazer nada, foi vetado, o cara não vai, do Vítor não passa mais nada, não sei o que tal, e aí recorreram, foram no departamento jurídico da, da Polygran, foram no departamento jurídico e tal, mandaram lá 3 advogados, né. Chegou lá, conversaram, não sei quê tal, voltaram, o único pedido foi que mudassem o título, porque "tá tudo nas cartas", naquela época o comitê feminino pelos direitos humanos, na visita da Rosalin Carter tinha entregado cartas para ela denunciando as torturas no Brasil, e aí eles assim, "tá tudo nas cartas", né, eles falaram, não, esse título não pode, porque vão associar, aquela pô, então que mudasse, aí virou cartomante. (música)

Orador C: A gente conseguiu na verdade, muita, muitas vitórias [inint][00:07:26] passar muita coisa, mas muita coisa ficou presa, muita coisa também tenha se perdido porque não se pegou mais, ou a música tinha naquela época uma razão que depois não tinha mais a mesma razão de sair, e, mas era sempre para mim, era uma coisa muito tensa, que eu comecei a ficar visado também lá dentro, cara fa... pô, você, lá vem você novamente, eu comecei a prevenir, olha, to indo para a censura, tá. Qualquer coisa me busca lá, me procura. Nunca teve essa necessidade. (música).

Orador C: A história do "amor é o meu país" essa música na verdade ela foi composta no final de 1969, né. E, para inscrevê-la no festival é, o quinto festival internacional da canção no Maracanãzinho, e eu gravei essa música na fita em, no começo dos anos 70 e em janeiro por aí nós mandamos a música, a música passou, e o festival era muito concorrido, né. Então o que acontece, eles ficavam tocando no rádio até outubro, quando chegava na hora do festival o público já tinha escolhido as suas favoritas e iam lá para o Maracanãzinho cantar as favoritas. (música).

Orador C: Aí em junho veio a copa do mundo no México, né. O Brasil foi tri campeão, governo Médici, o Médici então, né, que começou a crias aqueles slogans, né, que de uma certa forma eles começaram a se apossar de determinadas palavras, determinados símbolos brasileiros que, é, ficava mal, né, nós usarmos no dia a dia porque, éramos logo chamados de adesista, e uma delas foi a palavra país, a palavra país para você ver, é, é incrível. Se você parar para pensar hoje, entendeu, que idiotice, né, como é que uma palavra que exatamente fala do seu país você não pode mais botar em letra nenhuma, não pode nem falar, falou país, é adesista.

Orador D: Éramos todos de certa forma obrigados a estar contra aquilo tudo, né. Era, era nossa obrigação sim, fazer um discurso político dentro do nosso discurso musical sim.

Orador A: Aí é que está o x do problema porque o que é teor político. Teor político pode ser várias coisas. Quando uma mulher fala na primeira pessoa do feminino isso pode incomodar profundamente certos setores mais conservadores, não é? Porque que pessoas que tinham obras de teor político mais evidente não chegaram a ser presas e Caetano Veloso e Gilberto Gil foram? Porque e eles tinham aquela imagem que mexia com o lado comportamental da sociedade, então isso, isso é um teor político muito forte, isso incomoda muito. (música).

Orador C: Bom, todo o processo que desaguou naquilo que a gente chamou a primeira grande manifestação estruturalmente é, e culturalmente organizada para combater a burrice da censura foi o concelho, o nome era terrível, o conselho superior de censura, então a partir de 79 com o conselho, metade do conselho era governamental, 7 do governo e 7 da comunidade civil. Eu representei os autores de rádio e televisão e defendia cumulativamente pela minha representação, pela minha formação de crítico e de historiador da música popular, é claro que os autores de música popular que me eram, como sempre foram chegadíssimos e muito íntimos, não é.

Trecho de música: É bom viver, eternamente grávida de filhos de ideias e de sonhos.

Orador A: Eu fiz essa música chamada "eternamente grávida" e até brincando eu falei para a baby Consuelo que achava que ela que deveria gravar porque ela estava sempre mais grávida do que eu, né. Mas na verdade era uma coisa que falava, comparava, né, fazia um paralelo entre você estar grávida de ideias, de canções, de música e filhos, né. E aí a música foi parar na censura, parou e foi proibida a execução pública, e eu fui depois salva pelo parecer do querido Ricardo Cravo Albim.

Orador C: Eu digo que naturalmente que a censura de primeira instância vetou a música de Joyce por 2 palavras, o adjetivo "grávida" e o verbo parir. Tanto um quanto outro dos mais belos que se conhece no vernáculo, belos em si mesmo, belos no que possam significar. Ora, o ato de parir, de dar á luz, é o ato supremo da criação. Criação em todos os níveis desde a vida até uma ideia, é o ato de continuidade, o único que justifica a espécie. Portanto bendita fertilidade essa da Joyce que não se contenta apenas em ficar grávida de filhos, ela propõe em sua canção a gravidez de ideias, ora ora, como se ousa fazer abortar pela censura tão nobre desejo?

Orador A: Serve de exemplo para as pessoas verem os absurdos que se pensava na época. (música).

Orador A: Por exemplo, a explosão das compositoras mulheres em 1979 acho que é um passo muito importante, né, é, nesse sentido do, de que as pessoas começam a se, a se, a falar por si próprias, né, começam a se expressar da sua maneira, né, que é a maneira do gênero delas, né, então nós somos uma parcela importante da sociedade e temos todos que ser ouvidos. (música).

Orador D: 79, 80 a censura já tinha afrouxado bastante, então sobrou um, um resquício..., houve um resquício de censura de costumes, palavrão, uma coisa mais sensual, alguma coisa mais explícita em termos de sensualidade, de sexualidade aí, eles já pegavam um pouquinho.

Orador C: [inint][00:21:09] evidentemente eu usava de todos os recursos, inclusive, recursos históricos culturais, é, acadêmicos, o que fosse possível e que tivesse ao meu alcance intelectual eu usava, é claro, como elemento de convicção para tentar liberar, não é. (música).

Orador C: Música de Rita Lee e Roberto Carvalho de 1982, cor de rosa choque, essa música deu grande polêmica e foi um grande sucesso. Eu digo, a música "borda" segundo o trio de censores que a vetou, uma palavra colocada de maneira dúbia que poderá também referir-se ao ciclo menstrual da mulher, e que suscitará indagações precoces em torno do assunto. Hoje em dia a propaganda veicula em massa produtos íntimos para a mulher e a criança recebe não só essas cargas de informação, como também lições específicas sobre o assunto. Portanto preconceito ar-se esta matéria quando tratada dignamente é pelo menos uma tolice. (música).

Orador C: Que se compunha Caetano, Chico, [inint][00:22:44], todo mundo, né. E dali em diante você começa a ver, putz não passou, e isso aqui, aí você começa a ver, arrefecer essa subida que era maravilhosa e acaba mais ou menos aquela, aquela linha que era muito progressista assim, e existe um baque aqui e a música brasileira muda totalmente.

Orador A: Eu acho que se perde um pouco dessa, dessa coisa solar da bossa nova que é, que a música brasileira vinha propondo, né, e que curiosamente é a música brasileira que o mundo mais ama, né. Porque as pessoas da minha geração se viram obrigadas a falar de coisas que estavam acontecendo, a mandar mensagens, é, criptografadas através da música, a usar das metáforas e, e isso eu acho que de certa forma é, para juventudes que vieram depois tirou um pouquinho o interesse por essa MPB. Esse talvez tenha sido o grande mal que a censura fez à música brasileira. Foi legal não, a censura atrapalhou e muito. (Música de fundo).

(00:25:03)

Fim da gravação

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89